



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

A gymnastica no tempo do Império

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. *A gymnastica no tempo do Império*. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2014

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1.32284>

Rafael Fortes

A produção historiográfica sobre o esporte e práticas corporais afins vem crescendo nos últimos 20 anos. Este aumento quantitativo tem sido acompanhado por uma paulatina evolução qualitativa. Um indício disto foi a qualidade de diversos trabalhos apresentados no Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais, que compunha a programação do XXVIII Simpósio Nacional de História, realizado em julho de 2015 em Florianópolis. Não obstante, a ainda pequena quantidade de trabalhos e a variedade (de temas, de modalidades esportivas, de períodos históricos e recortes geográficos etc.) entre eles dificulta o estabelecimento de diálogos diretos. A história do esporte ainda carece de debates francos e de trabalhos que não só apontem limites para os já realizados, mas também proponham novas interpretações para os fenômenos históricos, novas leituras das fontes etc. Tudo isto é compreensível, tendo em vista o caráter recente do campo, bem como a pouca quantidade de pesquisadores envolvidos, se comparado com outros temas.

Portanto, temos um quadro por um lado excitante, dado o progresso citado no parágrafo

anterior. Por outro, um quadro “morno”, pois raros trabalhos trazem avanços e críticas em relação aos existentes. As citações, em geral, são excessivamente respeitadas, sendo raras as críticas frontais. Por isso, deve-se saudar o livro de Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres. O primeiro é, possivelmente, o autor que mais vem contribuindo para a consolidação do subcampo da história do esporte. Desta vez, em pesquisa de fôlego com Fabio Peres, realiza uma extensa discussão sobre a prática de ginástica na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1830 e 1880.

Na introdução, os autores criticam um certo modo de proceder nas Ciências Humanas, por meio do qual pesquisadores não problematizam categorias teóricas e determinadas construções (como a ideia de que os habitantes de um determinado estado ou cidade seriam pouco afeitos à prática esportiva). Pior: ao incorporá-las acriticamente na análise, contribuem para reforçá-las. Do ponto de vista do conhecimento histórico, trata-se de problema de dupla face. De um lado, tais trabalhos deixam de produzir conhecimento novo sobre as práticas sociais – ou seja, deixam de contribuir

para o avanço do conhecimento. De outro, reforçam estereótipos do senso comum que mistificam tais fenômenos (como acontece com diversos trabalhos que tratam do “estilo brasileiro de jogar futebol” como algo “realmente existente”, e não como uma construção/convenção cultural). Soma-se a isso a escassez de fontes que permeia tais análises. Em geral, elas partem de construtos teóricos importados do exterior, usados como parâmetro para (supostamente) verificar e compreender como se deram as coisas no Brasil. Quase sempre, chegam à conclusão de que “faltou” algo. As evidências empíricas aparecem com parcimônia, unicamente para referendar os pontos de vista abraçados de antemão pelos autores (já que o conhecimento é dado pela teoria). Os autores criticam também os trabalhos que associam a ginástica exclusivamente ao higienismo e saúde: embora tal perspectiva seja frequente em artigos e livros, não dá conta da complexidade do fenômeno.

E o que propõem? Uma tarefa que pode parecer ousada:

Espera-se enriquecer a compreensão sobre o país a partir da investigação de manifestações que nem sempre recebem a devida atenção por parte dos pesquisadores, ainda que possuam grande poder de penetração e influência no cotidiano da população (MELO, 2014, p. 36).

Contudo, não se trata de ousadia: a partir de extensa pesquisa de fontes – periódicos, principalmente – e de intenso diálogo com a historiografia do oitocentos, a obra dá um passo importante para colocar a história do esporte e das práticas corporais no mesmo patamar da história de outros temas: como algo que nos permite conhecer melhor uma sociedade num determinado tempo e espaço.

Ainda na introdução, os autores estabelecem quatro temas que aparecem de forma transversal em um ou mais capítulos:

“identidade nacional, defesa das fronteiras, desenvolvimento de hábitos saudáveis e higiênicos, organização da sociedade civil” (MELO, 2014, p. 36). Mulheres (e questões de gênero) e classe social também são considerados na análise.

O primeiro capítulo aborda a “ginástica-espetáculo”, apresentada principalmente nos circos, mas também em estabelecimentos como cervejarias e teatros. Sua leitura poderia contribuir para que cessassem certos discursos não-científicos e saudosistas, presentes em muitos trabalhos que abordam o esporte, especialmente na área de Comunicação. Tais textos denunciam um suposto desvirtuamento do esporte causado pela transformação deste em espetáculo¹. Contrariamente, e escorando-se em abundância de fontes, Melo e Peres argumentam que a ginástica “já surge como espetáculo”, nos circos. E vão além: estes dois fatores – formato (de espetáculo) e lugar (circo) – foram cruciais para a popularidade que a prática angariou. Para eles, o circo foi importante não só para divulgá-la e angariar-lhe popularidade, mas também porque alguns dos que neles atuavam davam aulas em espaços diversos (escolas, salas particulares, casas): “[...] os círculos da ginástica se cruzavam. A família Casali atuava no ramo do entretenimento, mas também em agremiações ginásticas e em importantes escolas da cidade” (MELO, 2014, p. 105-106).

Apesar de popular – ou, talvez, precisamente devido a isto –, houve quem desconfiasse das virtudes da ginástica. Outros a criticaram abertamente. Tal foi o caso, por exemplo, de setores médicos, cujos esforços para enquadrá-la constituem o tema do segundo capítulo. Segundo defendiam alguns, numerosas doenças poderiam ser combatidas com a atividade: “paralisia, apoplexia, problemas na coluna vertebral, catarro nos pulmões, tísica tuberculosa, asma, hiperemia abdominal, constipação, hemorroida, ingurgitamento do fígado, gota, reumatismo, escrófula, moléstias

1 Não raro, reproduzindo discursos do jornalismo esportivo (sobretudo do jornalismo sobre futebol).

nos genitais e na bexiga, entre outras” (MELO, 2014, p. 77). Para tanto, havia inclusive diferentes formas de ginástica: “hidroterápica, cinesioterápica, respiratória” (MELO, 2014, p. 78)².

O capítulo três aborda as “pioneiras sociedades ginásticas do Rio de Janeiro”: uma alemã e outra, francesa. A composição e o funcionamento destas entidades são abordados, assim como sua articulação com setores da sociedade – por exemplo, com movimentos políticos como o abolicionismo e o republicanismo. Em boa parte dos casos, tal envolvimento se dava através da cessão de instalações para a realização de reuniões, encontros e assembleias. Por vezes, tais eventos foram palco de conflitos, como a briga entre capoeiras e ginastas ocorrida em dezembro de 1888 nos salões da Sociedade Francesa, durante uma conferência republicana proferida por Silva Jardim (MELO, 2014, p. 113).

O quarto capítulo trata das duas sociedades portuguesas de ginástica: o Congresso Ginástico Português e o Clube Ginástico Português. Tais entidades são colocadas em contexto, tanto por haver, na cidade, um amplo rol de associações de nacionais daquele país, quanto estes por constituírem, em 1890, cerca de 20% da população (MELO, 2014, p. 120-122). O Clube Ginástico, por exemplo, era lugar de ampla gama de atividades: “aulas de ginástica, esgrima e música; saraus e bailes; reuniões cotidianas na sede; passeios campestres”, além de festas de caridade, missas e outras (MELO, 2014, p. 127). Nos anos 1880, o leque se amplia, incluindo patinação, corrida de velocípedes e corridas a pé (MELO, 2014, p. 152).

Para além do funcionamento das associações, os autores abordam também seus conflitos internos. Particularmente arguta e detalhada é a descrição que sustenta a ideia de que o Congresso tinha um perfil distinto do

Clube, o que se manifestava, por exemplo, nas atividades realizadas e na imagem pública de cada um. Neste capítulo, como no restante da obra, a discussão das fontes é cotejada com ampla bibliografia, composta não só pelos autores e obras mais conhecidos que pesquisaram o Rio de Janeiro e/ou o século XIX, mas também por numerosas dissertações de mestrado e doutorado defendidas nos últimos quinze anos.

O capítulo cinco aborda a ginástica nas associações fluminenses. Na maioria dos casos, tratava-se de entidades que colocavam ênfase no esporte e abriram amplo espaço para a ginástica. Novamente, ela ocorre tanto como prática cotidiana quanto associada a outras práticas, como a “ascensão de um balão” e a “exibição de cobras e onças”, o que reforça o argumento de que estava profundamente inserida no âmbito do entretenimento (MELO, 2014, p. 165). A ginástica também esteve presente no que os autores chamam de “clubes sociais”, ou seja, aqueles que não eram “ginásticos, atléticos e esportivos” (MELO, 2014, p. 170).

Duas discussões compõem o último capítulo: sobre o uso intenso e os sentidos do termo ginástica e sobre a “gestação de um mercado ao seu redor” (MELO, 2014, p. 175). Um dos pontos mais interessantes da leitura da obra reside na complexidade em torno da palavra, que designa diferentes práticas, como exercícios, acrobacias e façanhas corpóreas – mas também o tratamento de doenças e o treinamento de bombeiros para combate a incêndios. Coerentemente com a opção de construção da obra a partir das fontes, os autores optaram por não definir, de início, o que estão chamando de ginástica, mas por ir descrevendo e debatendo a questão ao longo do livro (MELO, 2014, p. 88-89, por exemplo), aprofundando-a no capítulo final.

Numerosos produtos e serviços sustentam o argumento de que formou-se um

2 Alguns aspectos da ginástica tal qual defendida pelos médicos pareceram-me próximos do que hoje entendemos como fisioterapia, embora os autores não mencionem tal palavra.

mercado em torno da ginástica: livros (sobretudo manuais), roupas adequadas para a prática, uniformes, emblemas, aparelhos, brinquedos, bem como “a citação da ginástica em anúncios” de diferentes produtos (MELO, 2014, p. 191). Para tanto, conforme citado, contribuíram mestres com atuação em distintas instituições e a visibilidade e popularidade dos espetáculos e apresentações públicas.

Como argumentei antes, este ponto – a formação de um mercado próprio e a inserção no âmbito do mercado de entretenimento – é uma contribuição relevante para problematizar muitos trabalhos acadêmicos sobre esporte – relativamente comuns em áreas como Comunicação, Sociologia e Educação Física – que tendem a elogiar um suposto passado idílico. Tal passado, desnecessário dizer, nunca se verifica quando lemos as obras de história do esporte e das práticas corporais institucionalizadas com forte “pegada empírica”. A argumentação de Melo e Peres vai na direção contrária de tais purismos:

De toda forma, a trajetória e o espraiamento de tais agremiações na sociedade da Corte lançam luz sobre como a difusão e popularização da ginástica na cidade se deu de forma multifacetada, através de um conjunto variado de atores, ideias e instituições, não necessariamente excludentes (embora com tensões e disputas entre eles) (MELO, 2014, p. 174).

Como um bom livro fruto de pesquisa extensa de fontes e com escopo temporal amplo, deixa ideias e caminhos para trabalhos futuros, tanto a partir do recorte estabelecido em cada um dos cinco primeiros capítulos, como também por questões e debates específicos ao longo da obra. No primeiro caso, cada capítulo poderia ensejar uma ou mais dissertações de mestrado, revisitando as fontes utilizadas e buscando, em arquivos, novas fontes, que permitissem debater os achados dos autores e avançar. No segundo caso, tratar-se-ia de aprofundar questões como

as de gênero e as econômicas. Da mesma forma, cabe pensar em que medida a ginástica esteve presente em outras cidades brasileiras, para além dos estudos relacionando o fenômeno à imigração alemã, sobretudo no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Antes de encerrar, cabe apontar alguns senões na obra. Primeiro, algumas frases introduzidas por expressões genéricas, como “estima-se” e “alguns estudos”, sem que os autores especifiquem quem estima ou de que estudos se trata. Da mesma forma, há afirmações sem a descrição ou citação de fontes que permitam sustentá-las, como esta: “De fato, suas [do Teatro-Circo] apresentações eram marcadas por números muito arriscados, chamando muito a atenção do público” (MELO, 2014, p. 56). Admito, contudo, que se trata de filigrana, tamanha a abundância de fontes do livro. Outro detalhe: as reproduções de anúncios poderiam ter tamanho maior, para facilitar (e, em vários casos, permitir) a leitura.

Às vezes o texto adota um discurso ufanista que encampa a fala das fontes, e do qual desaparecem possíveis problematizações:

Embora [a Sociedade Francesa de Ginástica] fosse uma agremiação de estrangeiros, a frequentavam as melhores famílias da Corte, mulheres e homens em uma comunhão que seria impensável algumas décadas antes. A presença feminina era sempre destacada e apresentada como uma prova do valor do clube (MELO, 2014, p. 111).

O instigante debate com a bibliografia, presente na introdução, desaparece nos capítulos. Ao descrever e analisar os dados empíricos, dialogam com obras que não são criticadas. A crítica arrasadora e fundamentada a certas obras que trataram do passado da ginástica poderia ter sido retomada em algum momento. Por outro lado, a opção dos autores de não escrever uma conclusão³ e de denominar “ginásticas por todos os lados” o capítulo final

3 Nos termos do que o cânone acadêmico consideraria uma conclusão.

funciona muito bem, como forma de apresentar dados e observações que não couberam nos capítulos antecedentes, mas são relevantes para sustentar o argumento central. Ao terminar a leitura, fiquei inteiramente convencido dele.

No entanto, estes pontos que problematizei são aspectos menores de uma obra que, conforme argumentei no início, é uma contribuição relevante para uma melhor compreensão do esporte, do lazer, da diversão e do entretenimento, bem como do papel social desempenhado por estas instâncias – as quais, desde ao menos o século XIX, como sustentam Melo e Peres, aparecem bastante articuladas. Que venham novas investigações sobre o período, seja buscando “novas questões” para indagar as “mesmas fontes”, seja buscando outras fontes. A partir de agora, terão um trabalho sólido com o qual dialogar.